



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

KAREN ADRIELLY AGUIAR DE SOUZA

**MARACATU NAÇÃO DE PERNAMBUCO: PESQUISAS E PERSPECTIVAS PARA
A CULTURA POPULAR DE TRADIÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS**

RECIFE

2024

KAREN ADRIELLY AGUIAR DE SOUZA

**MARACATU NAÇÃO DE PERNAMBUCO: PESQUISAS E PERSPECTIVAS PARA
A CULTURA POPULAR DE TRADIÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, como requisito à obtenção de título de licenciada em História, orientado(a) pelo Prof.º Dr.º Lucas Victor Silva.

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S719m Souza, Karen Adrielly Aguiar de.
Maracatu Nação de Pernambuco: pesquisas e perspectivas para a cultura popular de tradição nas ciências humanas / Karen Adrielly Aguiar de Souza. - Recife, 2024.
39 f.; il.

Orientador(a): Lucas Victor Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências e anexo(s).

1. Maracatu - Pernambuco. 2. Danças folclóricas - Pernambuco. 3. Cultura popular. 4. Ciências sociais 5. Pesquisa - Aspectos morais e éticos - Pernambuco. I. Silva, Lucas Victor, orient. II. Título

CDD 909

FOLHA DE APROVAÇÃO

KAREN ADRIELLY AGUIAR DE SOUZA

MARACATU NAÇÃO DE PERNAMBUCO: PESQUISAS E PERSPECTIVAS PARA A CULTURA POPULAR DE TRADIÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Data da Defesa: 03/10/2024

Horário: 16 horas

Local: Sala 11, DED - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lucas Victor Silva - Orientador(a)

Prof.^a Dra. Adriana Maria Paulo da Silva - Examinador(a) Externo(a)

Prof. Dr. Climério de Oliveira Santos - Examinador(a) Externo(a)

Resultado: Aprovado/a

Reprovado/a

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orí, que me faz forte, sou grata por toda a vitalidade e força.

Aos meus ancestrais, que me concederam uma missão, sou grata pelos caminhos que me foram abertos, pelos tropeços e pelos aprendizados. Ao meu Mestre Afonso Aguiar, sou grata por cada dia vivido sendo sua discípula, sou orgulhosa de sua história e espelho a minha nos seus passos.

Ao povo de maracatu, sou grata pelo respeito e reconhecimento, pelas irmandades e alianças construídas, pela força em manter nossas tradições de pé.

Agradeço à Universidade Federal Rural de Pernambuco e à Coordenação do Curso de História pela compreensão que possibilitou a minha formação enquanto licencianda e, também, enquanto liderança da Nação Leão Coroado.

Às crianças do Leão Coroado, sou grata pela possibilidade de futuro, pela continuidade e pela esperança.

À minha Nação, sou grata pelo acolhimento, pelas raízes, pelos amigos, pela luta diária e pela tradição que cresceu comigo e na minha alma. O maracatu me salva todos os dias.

MARACATU NAÇÃO DE PERNAMBUCO: PESQUISAS E PERSPECTIVAS PARA A CULTURA POPULAR DE TRADIÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Karen Adrielly Aguiar de Souza¹

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados do levantamento bibliográfico sobre o Maracatu Nação de Pernambuco, de 2013 a 2023. O *Inventário cultural dos maracatus nação*, organizado por Isabel Guillen (2013), foi o último trabalho produzido que realizou um levantamento da trajetória do maracatu enquanto objeto de pesquisa, além de agrupar outros nove trabalhos sobre o mesmo tema. Foram selecionadas 14 produções para a pesquisa, e 13 destas foram analisadas conforme a metodologia adotada. As discussões foram elaboradas acerca dos aspectos de gênero, território, tipos e métodos de pesquisa e tipos de fontes observadas no levantamento bibliográfico. Os resultados apontam para mudanças no perfil dos pesquisadores/as com o ingresso de maracatuzeiros/as na universidade. Há um crescimento na quantidade de produções advindas de pesquisadoras pernambucanas. Nossas conclusões apontam para a necessidade de maior controle e rigor no que diz respeito aos aspectos éticos da pesquisa com a cultura popular de tradição. Aspectos estes que deveriam ser tematizados na formação de pesquisadores e pesquisadoras e na regulamentação da atividade científica nacional.

Palavras-chave: Maracatu nação; Pernambuco; Cultura popular, Ética na pesquisa em ciências humanas; estado do conhecimento.

¹ Graduada em Licenciatura em História, documentarista e produtora cultural, batuqueira-regente e liderança do Maracatu Nação Leão Coroado. E-mail: karen.aguiar@ufrpe.br

ABSTRACT

This work presents the results of the bibliographical research on the cultural manifestation Maracatu Nação from Pernambuco, from 2013 to 2023. The Cultural Inventory of Maracatu Nação, organised by Isabel Guillen (2013), was the last work produced that surveyed the trajectory of maracatu as an object of research, in addition to grouping nine other works on the same topic. 14 productions were selected for this research, and 13 of these have been analysed according to the adopted methodology. The discussions were elaborated by observing the aspects of gender, territory, methods of research and the types of sources observed in the bibliographic survey. The results point to changes in the profile of researchers with the entry of individuals that are actually part of maracatu communities into the university. There is an increase in the number of productions coming from researchers that are both female and from Pernambuco. Our conclusions point to the need for greater control and rigour with regard to the ethical aspects of research into traditional popular culture. These aspects should be addressed in the training of researchers and in the regulation of national scientific activity.

Keywords: Maracatu nation; Pernambuco; Popular culture, Ethics in research in human sciences; state of knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, os Maracatus Nação têm sido objeto de observação de jornalistas, folcloristas, historiadores e cientistas sociais. Manifestação cultural originária de Pernambuco, que se constitui sob a forma de cortejo (SILVA; et al, 2017), adornada por baianas ricas, rei e rainha, um baque² imponente e ritmado. Foi declarada patrimônio cultural imaterial nacional em 2014, e reconhecida mundialmente por carregar tradições africanas e brasileiras, que culminam numa riqueza cultural única, encontrada exclusivamente em Pernambuco.

A pesquisadora Isabel Guillen (2013), em *Maracatus-Nação: História e Historiografia*, faz um trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema, colocando luz sobre a trajetória do maracatu nação enquanto objeto de pesquisa e observação. Guillen (2013) apontou que Pereira da Costa foi o primeiro autor a trazer uma descrição detalhada da manifestação, em sua obra *Folklore pernambucano*. Dentre outros autores investigados estão Lucilo Varejão, cronista, com sua obra *Reis de Maracatu*, publicada pela primeira vez em 1927, Mário Sette, escritor, em *Maxambombas e Maracatus*, com primeira edição em 1935, Guerra-Peixe, músico e maestro, em *Maracatus do Recife*, publicado em 1955, e Katarina Real, folclorista, que esteve presidente da Comissão Pernambucana de Folclore, e publicou suas primeiras obras entre 1959 e 1967.

Em 2013, Guillen já apontava a necessidade de uma perspectiva multidisciplinar para o estudo do maracatu nação. Apontou a Antropologia como um caminho metodológico promissor para o campo, com o conceito de "observação participante", contudo, a História estava ficando em lugar de complemento nas pesquisas. Também refletiu sobre as questões éticas da pesquisa e memória, elucidando sobre a necessidade de considerar os resultados das entrevistas como uma das versões da história e não como a única versão. E diante dessas discussões, vislumbrou um futuro frutífero para a pesquisa sobre o maracatu nação.

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a atualização dos dados coletados por Guillen e construir um estudo do tipo estado da arte acerca dos maracatus nação de Pernambuco, entre 2013 e 2023. Tem como fonte de pesquisa

² Nome dado coloquialmente para o corpo de percussão dos maracatus, podendo também ser utilizada para diferenciar e titular um ritmo específico tocado por uma ou várias nações como o "baque de martelo", "baque de arrasto", "baque do Leão", etc.

as teses e dissertações disponíveis na biblioteca digital do IBICT, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e artigos encontrados na Biblioteca Virtual de Revistas Científicas Brasileiras - Scielo. Os textos foram pesquisados sob as palavras-chave "maracatu" e "pernambuco" para a base de dados do IBICT, "maracatu" e "nação" na Capes, e "maracatu" na Scielo. Ao total foram encontrados 63 textos, e sob os filtros de "ciências humanas" e recorte temporal de 2013 a 2023, foram selecionados 15 trabalhos para compor a bibliografia desta pesquisa.

A pesquisa tem caráter exploratório e bibliográfico, utilizando o método do estudo do estado da arte como estratégia de aproximação para com a produção acadêmica referente ao objeto de pesquisa, visando a criação de condições para a realização de investigações posteriores. Fundamentado metodologicamente no trabalho de Norma Ferreira (p. 257, 2022) para quem este tipo de investigação é: "definida[...] como de caráter bibliográfico, [...] tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, e de que formas e em que condições têm sido produzidas".

Nossas leituras e experiências pessoais indicam que o maracatu nação de Pernambuco foi enxergado, observado, esquadrihado e investigado por pessoas que não possuem as mesmas tradições e costumes, que não compartilham do território, dos dilemas sociais e nem das mazelas e belezas destas comunidades. Atualmente, maracatuzeiros e maracatuzeiras fazem da manifestação seu objeto de pesquisa e apontam o que lhes é devido, tendo em vista que seus integrantes são, majoritariamente, pessoas periféricas, pretas e pardas, em situação de vulnerabilidade social. Chegar até a academia e produzir sobre maracatu nação é uma conquista recente para o nosso povo.

Aqui, gostaria de contextualizar meu lugar enquanto pesquisadora na graduação de licenciatura plena em história pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e, também, de fazedora da cultura popular, batuqueira-regente e liderança do Maracatu Leão Coroado, maracatu nação com 160 anos de atividades ininterruptas. Vivendo desde o nascimento nas tradições da cultura popular, assumi a regência do baque, em dezembro de 2018, após o falecimento de Mestre Afonso, em abril do mesmo ano. Iniciou-se o meu compromisso com a Licenciatura em março de 2019.

O maracatu nação se instalou em minha família entre os anos de 1996 e 1997, quando Mestre Luiz de França, liderança e Mestre da Nação Leão Coroado,

passa a vislumbrar no meu avô, Afonso Aguiar, a possível continuação de seu legado e a sobrevivência das tradições religiosas de seu maracatu. Cresci sendo atravessada pelos valores de um mestre da cultura popular, também babalorixá, zelador das tradições da minha linhagem familiar com o culto ao orixá, jurema sagrada e ao culto de *egum*³.

Nas vivências e experiências adquiridas sendo discípula de meu mestre, aprendi que pesquisadores vêm e vão de nossa casa. Buscam aprender nossas tradições de maneira superficial para responder suas perguntas e impressões pré-concebidas sobre nossa religiosidade, o poder das calungas e os mistérios do fazer da cultura popular afro-descendente em meio às perseguições, fechamentos de terreiro e caça ao nosso povo. Quando me inscrevi para o curso de História, buscava unir a experiência de uma vida ouvindo e aprendendo maracatu aos aprendizados científicos que poderia adquirir na universidade. E a partir disso, escrever e pesquisar a trajetória das nações, dos fazedores e fazedoras que resistiram ao tempo, se adaptaram, aprenderam a ressignificar seus ritos e puderam continuar a manifestar o maracatu nação.

Preocupada com os processos metodológicos de pesquisa, e em dar voz e protagonismo aos detentores legítimos dos saberes que tornar-se-iam meus objetos de pesquisa, avancei em estudar e aprender maracatu com os antigos e os jovens, com livros e histórias, com a memória e com a tradição, para apropriar-me dos recursos metodológicos de pesquisa, além da minha vivência enquanto discípula de Mestre Afonso e do Leão Coroado, experienciando o maracatu. E com o ingresso à universidade, o estudo do maracatu nação enquanto tema de estudo se forma como o primeiro passo para esta pesquisa.

Ainda, levando em consideração que as pesquisas e trabalhos acadêmicos sejam, majoritariamente, realizados por pesquisadores que não estão inseridos no contexto de vivência e integração de maracatus nação, uma das questões que me trouxeram até aqui é a minha dupla relação com o objeto, sendo integrante e liderança de uma nação e também pesquisadora. Busco oferecer uma visão multifacetada acerca das tensões, lacunas e possibilidades sobre o maracatu nação e seus desdobramentos. Este artigo apresentará um quadro geral sobre as

³ "nosso espírito pós-morte", isto é, os ancestrais da comunidade e de outras pessoas consideradas importantes para o maracatu" (OLIVEIRA SANTOS, 2017) e/ou em terreiros de candomblé e casas de Jurema.

produções atuais, de 2013 a 2023, acerca do maracatu nação, como um guia que seja útil nas comunidades das Nações enquanto um retorno sistematizado acerca do que é feito e escrito sobre suas tradições.

2. O CONCEITO DE MARACATU NAÇÃO

Crescer nas tradições de uma nação de maracatu, às vezes, nos tira a perspectiva do desconhecido. Não me recordo de perguntar ao meu Mestre "o que é um maracatu nação?". Imaginava ser uma pergunta desnecessária, porque a resposta estava lá diante dos meus olhos, todos os dias.

Maracatu era o que nós tínhamos, era o que alimentava algumas famílias da nossa comunidade, era o brinqueado dos dias de festa e também a responsabilidade das obrigações religiosas com as calungas. Fazer maracatu era ouvir o meu avô contar as histórias de quando conheceu o Mestre Luiz de França e de quando trouxe o Leão Coroado para casa. Maracatu era viver do jeito que a gente vivia, tocando bombo e cantando para os nossos ancestrais. Fazer maracatu também era costura, bordado, noites em claro para preparar as indumentárias da Nação, podia ser até o almoço de domingo que se transformava em assunto de terreiro. Maracatu é o jeito que aprendemos a viver e criamos nossas crianças, é o jeito que guardamos nosso passado e concebemos nosso futuro.

A obra *Batuque Book* (2009) foi publicada com intuito de transcrever a música de maracatu, de baque virado e de baque solto. O maracatu nação aparece sendo citado como filho das senzalas e dos mocambos do Recife que vivia do trabalho de homens e mulheres escravizados (SILVA, 2009, p. 19). Essa obra foi de grande importância para o entendimento da música do maracatu, que cada vez mais foi difundida Brasil afora. Os autores, Clímério Oliveira e Tarcísio Resende, construíram uma obra que aborda mais de uma nação, devolvendo os resultados para as comunidades em que aprenderam.

Ivaldo Marciano de França Lima, ex-liderança do Maracatu Nação Cambinda Estrela, professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), defendeu, em 2010, a tese *Entre Pernambuco e a África. Histórias dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)*. O autor discorre sobre as trajetórias dos maracatus nação e a complexidade da definição e conceituação da

manifestação. Também apresenta as tensões que atravessam a catalogação do maracatu enquanto nação, seja de baque virado ou de baque solto.

Nesse contexto de “ser nação”, podemos refletir sobre a influência dos olhares acadêmicos, desde os 1960, sobre o maracatu e a necessidade de dividi-los, homogeneizá-los e descrevê-los sob as perspectivas dos pesquisadores, e não de quem os faz e lhe atribui significado. Segundo Lima, a dicotomia entre maracatu nação e maracatu de orquestra é consequência dessas ações dos pesquisadores, assim como a obsessão pelo mito de origem dos maracatus.

Ainda Lima, no artigo *As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias* (2014) faz a conceituação do maracatu nação com base no significado do termo "nação" para designar os grupos e, nessa perspectiva, entende que o termo foi aplicado em dois sentidos:

O primeiro diz respeito a diversas manifestações culturais, tais como maracatus, sejam eles os de baque virado ou solto, caboclinhos e bois. Na forma de se referir das pessoas que participam dessas manifestações, cada grupo constitui uma nação particular. [...] A segunda acepção do termo diz respeito à utilização entre os praticantes das religiões de divindades. Na religião dos orixás, (xangô ou candomblé), um terreiro constitui-se parte (membro) de uma nação, mas o terreiro vizinho também pode integrar a mesma nação. Desse modo, a nação no candomblé e no xangô não se refere a um grupo específico, mas a uma série de práticas comuns que possuem uma linhagem, algumas das quais consubstanciadas em mitos de origem “africana”. (p. 73 -74).

Na Nação Leão Coroado, os dois sentidos para o termo se aplicam: nos consideramos Nação, principalmente, pelas fundamentações religiosas no candomblé de nação nagô, mas também pela constituição de identidade enquanto grupo, que apenas nos pertence, e é o que nos distingue das demais nações.

Ainda sob a perspectiva de Lima (2014), o que de fato constitui as fronteiras de identidade dos maracatus nação é a manutenção de suas tradições, principalmente a religiosa. Mas também, as tradições e relação com o território, a relação de saber-fazer e ensinar para as próximas gerações, as tradições da identidade de cada grupo.

O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Maracatu Nação (2013)⁴ define o maracatu nação ou de baque virado como manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife. Indica que o

⁴ A pesquisa foi coordenada por Isabel Cristina Martins Guillen. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf

maracatu nação se transformou ao longo do século XX e, em discrepância aos pesquisadores/as que até meados dos anos 1960 previam a extinção da manifestação, se tornou símbolo de resistência e permanência da cultura negra pernambucana.

Neste trabalho, consideramos o maracatu nação como manifestação da cultura popular negra de Pernambuco, constituída por um baque regido por um/a mestre/a de apito e por um cortejo que faz referência às cortes europeias, inserido numa comunidade periférica e fundamentado religiosamente em tradições de candomblé pernambucano.

3. DE 2013 A 2023: O MARACATU NAÇÃO NA UNIVERSIDADE

O levantamento bibliográfico para a composição da pesquisa foi realizado através das principais bibliotecas de teses e dissertações disponíveis no espaço digital, contando com três plataformas de repositório. Para a pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁵ foram encontrados dez trabalhos sob o recorte temporal, de 2013 a 2023, e sob as palavras-chave "maracatu" e "Pernambuco". Um desses trabalhos foi desconsiderado, tendo em vista que tem por objeto de pesquisa a trajetória do Maracatu Nação Pernambuco, grupo que é mencionado de maneira recorrente como grupo percussivo em fontes primárias de vários dos estudos produzidos no período. Contudo, a discussão acerca da distinção de grupo percussivo e maracatu nação será mencionada mais adiante no artigo.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes⁶, a busca foi realizada sob as mesmas palavras-chave e recorte temporal. Resultou em 13 trabalhos, três destes já apresentados na pesquisa do BDTD, e após aplicação do filtro pela área das ciências humanas e desconsideração dos trabalhos que apresentavam temas distintos ao maracatu nação, um trabalho foi adicionado ao levantamento, até aqui a lista contém 11 pesquisas. Ainda na Capes, uma nova pesquisa foi realizada com as palavras chaves "maracatu" e "nação", com o mesmo filtro temporal e resultou em 20 pesquisas. Dispensamos os resultados que já haviam sido apresentados nos bancos de dados anteriores, e também os que não atendem aos critérios da pesquisa. Três pesquisas foram adicionadas à lista, até aqui contém 14 pesquisas.

⁵ Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

⁶ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Por último, o banco de dados da Biblioteca Virtual de Revistas Científicas Brasileiras - SciELO⁷, foi usada a palavra chave "maracatu", tendo em vista que a combinação com outras palavras como "nação" e "pernambuco" anularam os resultados. Foram apontados sete resultados, e após a triagem, um artigo foi inserido na lista de bibliografias.

A metodologia de pesquisa utilizada para tratar os dados obtidos com as bibliografias se deu pela leitura das introduções e considerações finais das teses, dissertações e artigo, além de outras eventuais partes que pudessem chamar a atenção ou conter dados importantes, como os anexos, apêndices, referências, imagens, mapas, e correlatos. Na construção deste trabalho, me propus a analisar os dados de gênero, regionalização e território, e áreas de conhecimento em que os trabalhos estavam situados e foram produzidos.

Considerando os achados nestes três acervos científicos, essa pesquisa definiu uma lista de 15 trabalhos que serão analisados a seguir, ressaltando que um dos trabalhos não estava disponível em nenhum dos repositórios, e assim, não pode ser lido e analisado, e outro foi desconsiderado de acordo com os critérios já mencionados: ser maracatu nação. O levantamento final contém 13 produções analisadas.

2.1. PUBLICAÇÕES

Em 2013, dois trabalhos foram publicados, o primeiro intitulado *Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de maracatu*, de Margarete de Souza Conrado, tese de doutorado em Educação pela UFBA. Buscava entender as relações educativas a partir da figura do "corpo calungueiro" dentro dos cortejos de maracatu. A tese apresenta as experiências de observação das dimensões simbólicas a partir do que definiu como "sistema formativo corpo calungueiro" dentro das Nações, com foco na Nação Leão Coroado, onde a autora fez sua pesquisa de campo, e aponta os cortejos como corpo social, dando relevância e importância para cada elemento que o compõem. O segundo foi *Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante Do Recife: Os "trabalhos" de uma "nação diferente"*, de Laís Salgueiro Garcez, dissertação de mestrado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). A discussão central do trabalho foi elaborada acerca das tensões

⁷ Disponível em: <https://www.scielo.br/>

vividas pelos integrantes da Nação Estrela Brilhante do Recife e como estes movimentos são ressoados no coletivo, e como pode-se entender a “corporeidade” através destes. Aqui, as conclusões foram de que o movimento individual transpassa e constroi o movimento coletivo, que a autenticidade da Nação pode ser garantida através do saber-fazer de se movimentar conforme seus significados e símbolos.

Em 2014 foi publicado *As nações de maracatu e os grupos percussivos: As fronteiras identitárias*, de Ivaldo Marciano de França Lima⁸, artigo publicado na *Revista Afro-Ásia*, nº 49. O texto se propõe a distinguir os maracatus nação dos grupos percussivos, referenciando o termo “nação” e suas ressignificações. Assim, as nações diferenciam-se entre si pelas formas e estratégias de resistência e suas próprias tradições. Distinguem-se dos grupos percussivos através da identidade construída pela resistência e ressignificação de suas tradições, além de outras questões pontuais como o compartilhamento dos saberes e as identidades do grupo e de seus integrantes.

Em 2015, o trabalho *“É de nação nagô!” O maracatu como patrimônio imaterial nacional*, de Alexandra Eliza Vieira Alencar, tese de doutorado em Antropologia Social pela UFSC, analisou e fomentou a discussão sobre o processo de patrimonialização do maracatu nação e sobre o conceito de associativismo, concluindo que as religiões de matriz africana são um dos pilares para a formação dos laços comunitários e no sentido que os maracatuzeiros dão à prática cultural de seu saber-fazer. Os processos associativos podem ser compreendidos através das formas de relacionamento entre os maracatuzeiros enquanto indivíduos, e destes com as nações, ou até entre nações distintas. Para essa pesquisa, a autora esteve em contato com as Nações de Porto Rico, Leão Coroado, Aurora Africana, Estrela Brilhante de Igarassú, Estrela Brilhante do Recife e Leão da Campina.

Em 2016 foram publicados dois trabalhos. *Tradições compartilhadas: Maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco*, de autoria Walter Ferreira de França Filho⁹, é uma dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e buscou compreender o processo de efervescência cultural dos maracatus nação nos 1990, levando em

⁸ ex-liderança do Maracatu Nação Cambinda Estrela.

⁹ Maracatuzeiro e filho de Mestre Walter de França (um dos mestres mais antigos em maracatu nação, foi discípulo de Mestre Luiz de França e batuqueiro do Leão Coroado, foi líder do Baque do Mestre Cangaruçu da Nação Estrela Brilhante do Recife. Atualmente, é líder e mestre da Nação Raízes de África). Mais sobre Mestre Walter, pai de Walter de França Filho, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FwCjkhxL_iw.

consideração o manguebeat e o seu contexto "catalisador" para esse processo. Assim como as experiências de maracatuzeiros/as e de pessoas inseridas nos dois contextos - o do maracatu nação e o dos grupos percussivos. E, em suas conclusões, aponta que na década de 90, as identidades musicais estavam sendo vivenciadas e esse contexto colaborou para criar o conceito da atual identidade pernambucana, inserindo os elementos e símbolos das manifestações culturais, dando ênfase na atuação dos grupos percussivos no processo de efervescência, tendo em vista as atividades realizadas em Olinda. De autoria de Anderson Pereira Ramalho, ainda em 2016, a dissertação de mestrado em Educação, Cultura e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, possui o título *Loas, tambores e gonguês: A interculturalidade do maracatu de baque virado pernambucano, na perspectiva de uma educação para a igualdade racial*. Busca compreender o potencial pedagógico do Maracatu de Baque Virado, a partir da experiência do Programa Mais Educação¹⁰. Em conclusão, foi confirmada a hipótese de que a falta de informações sobre a cultura popular brasileira é uma barreira que dificultava a aplicação de ações para o cumprimento da Lei nº 10639/03¹¹ e que o uso do maracatu de baque virado como instrumento pedagógico decolonial é um caminho para atingir os objetivos da aplicação desta lei.

Em 2018 houve quatro publicações. A primeira é intitulada *A construção de uma identidade cultural: Dona Santa rainha do maracatu*, de Mariana Alcântara Ferreira. Trata-se de dissertação de mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que analisou a figura de Dona Santa enquanto presidenta, rainha e liderança do Maracatu Elefante, discutindo seu papel social e relevância dentro do contexto dos maracatus nação. Nas conclusões, a autora elabora que a partir do ritual de coroação, Dona Santa ganhou legitimidade e visibilidade enquanto mulher-liderança e, após esse processo, a figura da rainha era munida do poder temporal e sagrado, sendo mais valorizado que o posto de rei. O segundo trabalho 2018 foi o *Guardião do Maracatu Leão Coroado e a Lei do*

¹⁰ O Programa Mais Educação tem como objetivo ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, por meio da oferta da educação integral. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/bolsas-e-auxilios/lista-de-programas/mais-educacao>.

¹¹ Lei que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no.%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.

Patrimônio Vivo: Um estudo antropológico sobre uma política cultural em Pernambuco, de Luciano Borges de Souza: uma tese de doutorado em Antropologia pela UFPE que buscou entender as modificações e adequações no conceito de patrimônio, através das mudanças e adequações nas práticas de oleiros e de mamulengueiros de Pernambuco, bem como no Maracatu Leão Coroado e de seu guardião, Afonso Gomes. As conclusões alcançadas na tese envolvem pensar na influência da Lei do Patrimônio Vivo nos processos de resistência e manutenção dessas manifestações. As conclusões apontam para uma relação dual entre as manifestações e a Lei do Patrimônio, que apesar da honra e do prêmio financeiro em tornar-se Patrimônio Vivo do Estado, os recursos financeiros de apoio e fomento continuam escassos e/ou de difícil acesso.

O terceiro trabalho de 2018 tem como título *O mestre apitou: Mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas*, de Charles Raimundo da Silva, tese de doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O autor se propôs a discutir e refletir sobre a posição do apito enquanto instrumento e o lugar dos mestres e mestras conforme este lugar, bem como os atravessamentos e movimentos destas pessoas, seus processos criativos. Com enfoque nas nações Estrela Brilhante de Igarassu, Leão Coroado, Porto Rico, Encanto do Pina, Estrela Brilhante do Recife, e nos grupos percussivos/de maracatu Arrasta Ilha e Movimento Baque Mulher, concluiu que a religiosidade pode ser entendida como processo criativo e como uma ferramenta para a ressignificação e resistência das práticas nesse contexto, além de apresentar o carnaval como um verbo, sendo entendido como o fazer dessas manifestações.

A última dissertação defendida em 2018 no mestrado em Antropologia pela UFPE, intitulada *Mulheres que salvaguardam: Gênero e patrimônio cultural no maracatu nação pernambuco*, de autoria de Suenia Claudiana do Nascimento Pinto. A pesquisadora teve como objetivo investigar as questões de gênero que organizam as práticas culturais populares e os modos como as vozes, olhares, perspectivas e atuações das mulheres, enquanto detentoras de saberes, fazeres, memórias e tradições, são consideradas nas ações de identificação, registro e salvaguarda de bens culturais. Analisando ainda como os instrumentos dessa política, permitem evidenciar a relevante contribuição e funções desempenhadas pelas mulheres. Contudo, não obtivemos acesso deste material na plataforma de repositório onde estaria hospedado nem em contato direto com a universidade.

Em 2020 houve duas publicações. A primeira *Os jovens e o Maracatu Nação Almirante do Forte: Interfaces entre processos educativos culturais e produção de identidades*, de Maria Cristina Tavares. Trata-se de uma dissertação de mestrado em Educação, Cultura e Identidades pela UFRPE em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e que explorou a relação entre os processos educativos culturais e a formação da identidade negra dos jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte. Concluiu-se que a Nação é um caminho para construção de identidades negras culturais, a partir da intermediação de educadores, nas figuras dos mestres e mais velhos, e que o saber-fazer da nação é entendido como processo educativo que constitui e possibilita a significação e ressignificação do conhecimento para a formação das identidades, construindo diálogos antirracistas e pensamento crítico com finalidade de realizar uma educação emancipatória. A segunda publicação, intitulada *Expressões culturais e experiências sociais urbanas no Recife: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher (BM)*, tem autoria de Júlia de Araújo Bernardes. Trata-se de dissertação de mestrado em Antropologia pela UFPE e que se propôs a analisar e discutir como a gentrificação¹² impacta a Nação Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher. As conclusões refletem sobre a localização geográfica da Nação e do BM, que estão situadas em comunidades excluídas e marginalizadas. Assim, tem por característica unir as questões da cultura com as questões sociais. A pesquisa também aponta para a implicação das relações de poder na dinâmica de segregação e exclusão destas comunidades, apontando que o direito aos espaços da cidade é um ponto de disputa e tensão que atravessa a história de resistência dos maracatus.

Em 2021, foi defendida a dissertação *Da Irmandade do Rosário aos terreiros e carnaval: A construção da identidade das nações de maracatu do Recife - o Maracatu Nação Encanto da Alegria*, de autoria de Victor Alisson Andrade da Silva, para a obtenção do mestrado em Geografia pela UFPE. Buscando compreender a identidade, territorialidade e religiosidade do Encanto da Alegria, visando ressaltar o valor religioso do Maracatu para as pessoas que o compõem, o trabalho apontou que a religiosidade continua sendo um fator chave de resistência e elemento central na definição da identidade das nações e que há uma grande articulação entre o território e as nações através do rito de deslocamento durante os carnavais.

¹² Se refere ao processo de segregação socioespacial vivenciado em áreas urbanas, como a especulação imobiliária e processos de desapropriação.

Contudo, aponta questões-problemas ligados ao trânsito periferia-centro apenas durante as festividades de carnaval e que as soluções podem ser encontradas através de maior investimento em editais pelo poder público para financiar o fortalecimento das nações e de suas comunidades, assim como a criação de espaços de memória no centro da cidade para afirmação dessas tradições e investimento em turismo cultural baseado na apreciação das nações.

Em 2023, houve uma dissertação de mestrado em Geografia Cultural pela UNESP intitulada *Maracatu de baque virado: construção de laços Recife - São Paulo*, de Thais Elis Godoy, que se propôs a discutir como se deu o deslocamento das tradições de maracatu do Recife para São Paulo, entendendo como se manifesta no novo território e como é influenciada pelo espaço, além da formação de laços sociais em variadas perspectivas. Focada nas relações das Nações Encanto do Pina e Porto Rico com os grupos Movimento Baque Mulher - São Paulo, Bloco de Pedra, Baque Cidade, Ouro do Congo e Ilê Aláfia. Em conclusão, apontou que o processo de apadrinhamento ou filiação são as formas mais comuns de criação de laços entre os grupos e as nações citadas. O apadrinhamento também envolve trocas e vivências realizadas em Recife, com a vinda de pessoas externas para as Nações e também nas realizadas em outros lugares com o movimento de locomoção dos mestres e mestras. O maracatu nação viaja o mundo através da música, inicialmente, e essa difusão pode ser entendida como responsável pelo posterior deslocamento das tradições.

2.2. ANÁLISE DOS DADOS

A questão de gênero dos autores e autoras foi elaborada através da suposição de gênero, por meio dos nomes dos autores e autoras. Identificamos poucas autodeclarações realizadas nos textos, como é o caso de Alexandra Alencar, que se descreve como “florianopolitana, mulher, negra, mãe, jornalista (graduação) mestre e doutoranda em antropologia social, dançarina, pertenço a um grupo familiar no qual a figura da mulher tem grande representatividade”. E de Júlia Bernardes, que se descreve como “mulher branca, de classe média, universitária, uma “Barbie”, como me foi dito por algumas das integrantes do Baque Mulher.”

Gráfico 1 - Produção por gênero



Fonte: A autora, 2024

O quantitativo de mulheres que pesquisam maracatu nação se sobrepõe ao número de homens e, nesse sentido, gostaria de refletir sobre a questão de gênero no maracatu nação como um todo. De 1800 para cá, apenas em 2008 uma mulher recebe o título de Mestra¹³ - Mestra Joana D'arc Cavalcanti, Mestra da Nação Encanto do Pina, fundadora do Movimento Baque Mulher - Feministas do Baque Virado, Yakekerê do Ilê Axé Oxum Deym - à frente de uma nação de maracatu, em contraponto, as nações são mantidas e guardadas por mulheres que dedicam suas vidas e saberes para estruturação e zelo de suas agremiações. O dado reflete o que se vive atualmente no mundo do maracatu e na sociedade como um todo: mulheres assumindo postos de liderança, postos de especialistas e dando voz a suas histórias e de outras mulheres antes contadas apenas por homens.

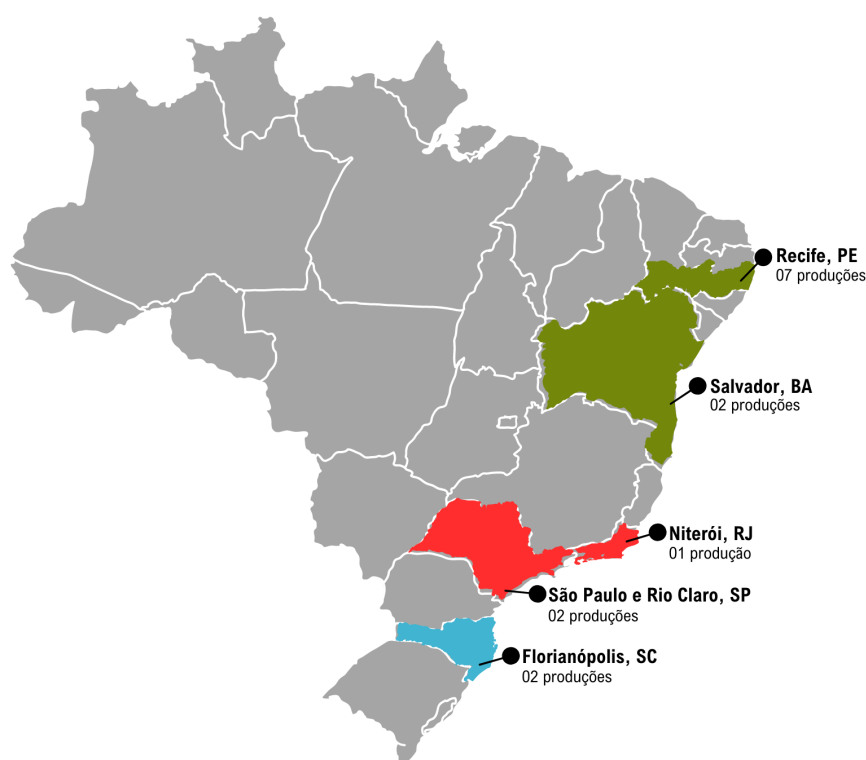
Também podemos refletir sobre a questão da identificação dos pesquisadores e pesquisadoras como um ponto crucial no desenvolvimento dos trabalhos. Levando em consideração o ofício do historiador e a função social da pesquisa, entender o contexto de quem relata é tão importante quanto o próprio objeto de estudo. Algumas autoras foram atentas a essa questão e fizeram uma descrição contextual de seus lugares no mundo, contudo, apenas duas de quatorze produções apresentam essa descrição em sua introdução/apresentação. Ainda podemos refletir acerca do marcador racial, que assim como as descrições, não são elaboradas em muitos dos trabalhos. É importante frisar sobre a importância da

¹³ Mais sobre Mestra Joana em: <https://baquemulher.com.br/mestrajoana/>.

descrição do marcador racial para compreensão do contexto de observação do pesquisador.

No contexto do maracatu nação, entender de onde e de quem vem as produções é essencial para compreender as referências e reflexões, tendo em vista que a raça, classe social, posição geográfica e outros marcadores influenciam diretamente no nível de acesso e privilégio que tais pesquisadores têm acerca dos saberes da cultura popular, mestres, mestras e possibilidades sociais.

Gráfico 2 - Produção por estados brasileiros



Fonte: A autora, 2024

Para pensar regionalização e território, o gráfico acima aponta para a distribuição das produções nas regiões do Brasil e, sem dúvida, a produção acerca do maracatu nação tem destaque em solo pernambucano. O Nordeste lidera com nove produções, e o sul e sudeste juntos somam cinco. Não encontramos produções nas regiões Norte ou Centro-Oeste. Tendo em vista que, nas décadas de 1930 até, pelo menos, os anos 2000, grande parte dos autores e autoras que escreviam e pesquisavam o maracatu nação não pertenciam aos folguedos, e alguns, tampouco eram pernambucanos. A exemplo de Katarina Real e César Guerra-Peixe, referências amplamente citadas nos trabalhos enquanto autoridade de

conhecimento e saber acerca dos maracatus, constatar a liderança do Nordeste nas produções, assim como a entrada e permanência de integrantes de manifestações culturais na universidade, é uma vitória para os programas de pesquisa e para os marcadores de equidade ao acesso à educação superior.

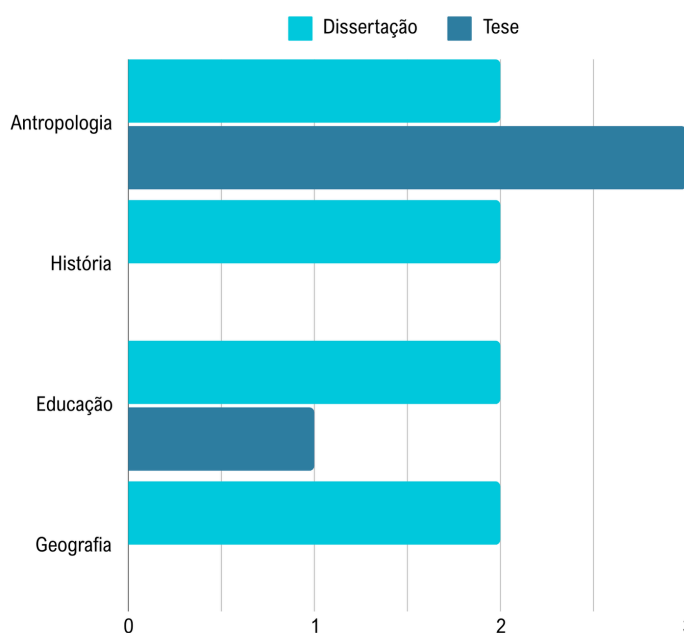
No *Inventário cultural dos Maracatus Nação* (2013), dos 10 artigos que o compõem, apenas 04 são de fora de Pernambuco. A crescente das produções fora de Pernambuco pode ser entendida como efeito da difusão do maracatu nação para outros estados brasileiros e outros países. Um dos processos comuns para a difusão do maracatu nação é a migração de batuqueiros/as de várias partes do mundo a fim de conhecer as grandes nações em Pernambuco.

Com este mesmo processo, também cresce o interesse no maracatu nação enquanto objeto de estudo. Assim, percebemos algumas pesquisas de autoria interestadual, e até internacional¹⁴. Já a liderança pernambucana nas produções, pode ser entendida através da presença de pessoas próximas ao maracatu nação na universidade, como Walter França Filho, filho de Mestre Walter de França, um dos mais antigos mestres de maracatu nação; Ivaldo Lima, ex-integrante da Nação Cambinda Estrela; e como eu, liderança da Nação Leão Coroado e discípula de Mestre Afonso Aguiar. E para além disso, de pesquisadoras/os que empregam métodos de pesquisa mais próximos com seus objetos, que buscam vivenciar as Nações e criar laços com os saberes, as comunidades e as práticas culturais do maracatu, como é o caso de alguns dos trabalhos citados neste levantamento.

Sobre as áreas de conhecimento, quatro produções foram teses de doutorado, sendo três dessas foram produzidas na área de Antropologia e uma na área de Educação. Das nove dissertações de mestrado, três foram produzidas na área de Antropologia, duas em História, duas em Geografia e duas em Educação, Cultura e Identidades.

¹⁴ O Maracatu Leão Coroado foi objeto de estudo nas pesquisas de mestrado e doutorado de Elizabeth Ogle, etnomusicóloga escocesa, que integra a Nação desde 2014. Mais informações sobre o doutorado dela estarão mais adiante no artigo.

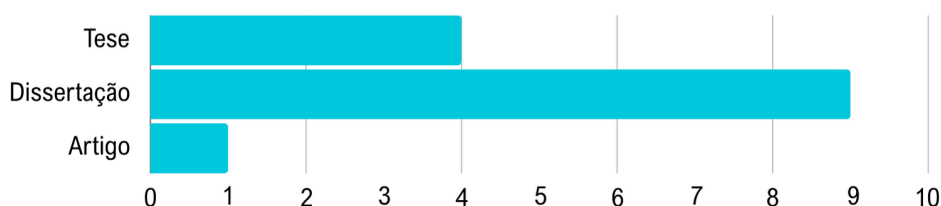
Gráfico 3 - Relação entre tipo de produção e área de conhecimento



Fonte: A autora, 2024

A multidisciplinaridade está presente e pode ser compreendida como resultado da complexidade dos objetos de pesquisa quando analisados por ferramentas exclusivas de alguma área de conhecimento. A Antropologia segue aliada das humanidades e das demais Ciências Sociais para dialogar com seus métodos e ferramentas investigativas, como é o caso da observação de campo com o pesquisador inserido nas vivências e experiências como participante ativo. Os métodos que possuem essas características podem ser considerados mais adequados para o estudo de maracatu nação pela justificativa de que não se pode entender uma nação de maracatu sem o contato real e direto com a prática. Experienciar o maracatu é uma experiência multidisciplinar e apenas nesse contexto de inserção que podemos observar as múltiplas faces da vivência e, conseqüentemente, do objeto.

Gráfico 4 - Tipos de produção



As estatísticas apontam para um grande número de dissertações, o que pode indicar a realização de pesquisas futuras na temática de maracatu nação nos programas de doutorado, que podem estar sendo realizadas neste momento. Contudo, a pouca quantidade de publicação de artigos nos indica que poucas pesquisas podem estar em andamento ou estiveram em andamento no período de 2013 a 2023, ou ainda o pequeno interesse dos periódicos científicos por este assunto.

4. MÉTODOS, FONTES E ASPECTOS ÉTICOS

Levando em consideração a ideia de que a vivência do maracatu nação é uma experiência multifacetada, também podemos inferir o mesmo sobre os métodos adotados para sua observação. A História, enquanto ciência, deve se munir de outras ferramentas científicas em colaboração de outras áreas do conhecimento, como citado no prefácio de *Apologia da História* (Le Goff, 2001, p. 26): "Isolado, nenhum especialista nunca compreenderá nada senão pela metade, mesmo em seu próprio campo de estudos." A História "só pode ser feita com ajuda mútua." O ofício de historiador se exerce numa combinação do trabalho individual e do trabalho por equipes, assim como a busca por métodos de áreas distintas.

Os dados coletados nas pesquisas deste levantamento elucidam a tendência do uso de métodos de áreas distintas da história, como a antropologia e a educação. A atenção nos aspectos metodológicos possibilitam entender sob que perspectivas e lentes o maracatu nação tem sido visto, estudado e compreendido.

3.1 OS MÉTODOS

Das produções analisadas - teses e dissertações -, três de cada foram realizadas com métodos de pesquisa etnográfica, e uma das teses foi realizada em método conjunto de antropologia e/ou etnografia. Duas das dissertações, as que foram realizadas para obter o mestrado em História, foram realizadas sob o método de pesquisa bibliográfica histórica. As duas dissertações para obtenção do mestrado em Geografia apresentam métodos de pesquisa qualitativa, uma apresentando

interdisciplinaridade e outra fazendo estudo do estado da arte. Uma dissertação apresenta métodos de observação exploratória.

Tabela 01: Ocorrência dos métodos de pesquisa¹⁵

OCORRÊNCIA DOS MÉTODOS DE PESQUISA			
Pesquisa etnográfica /antropológica	Pesquisa documental	Observação exploratória	Pesquisas qualitativas variadas e não presenciais
7	3	1	2

Fonte: A autora, 2024.

3.2. AS FONTES

Em relação às fontes, podemos concluir que há uma uniformidade quanto ao uso de fontes orais e audiovisuais, além da bibliográfica. Pelo menos cinco dos trabalhos assinalam o audiovisual como um recurso importante para a pesquisa acerca de seus objetos, dentre eles, fotos e vídeos das manifestações e arquivos de acervos mantidos como memória das trajetórias. Pensar o audiovisual como aliado da pesquisa histórica reforça a noção de que a cultura material pode servir para trazer informações concretas de pesquisa e dialogar com a bibliografia existente sobre diversos temas (Mattos; Abreu; Castro, 2017).

As entrevistas e fontes orais também aparecem como recurso recorrente nas pesquisas, principalmente nas etnográficas. Pelo menos dez das produções apontam o uso dessa técnica para realização de seus trabalhos. Considerando os marcadores educacionais, raciais e geográficos das pessoas que compõem os maracatus, e ainda mais atentos aos griôs e mestres de saber, a história oral se firma por dimensionar o papel das minorias analfabetas [ou não], silenciadas, das empregadas domésticas, dos pobres, dos homossexuais, dos exilados, dos anônimos, e de tantos grupos “marginais” ou “marginalizados” (Meihy, 2005). Nesse

¹⁵ Para a construção da tabela, foram agrupados os trabalhos que mencionam métodos de pesquisa etnográfico, antropológico e de pesquisa de campo na linha de “pesquisas etnográfica/antropológica”; as pesquisas de estado da arte, levantamento bibliográfico e análise de documentos foram agrupadas em “pesquisa documental”; as pesquisas que descreveram métodos de pesquisa qualitativa (pesquisa qualitativa interdisciplinar e pesquisa qualitativa) foram agrupadas em “pesquisas qualitativas variadas”, pelo fato de não haver maiores informações sobre a metodologia adotada.

sentido, a história oral é percebida como ferramenta para o registro da história não oficial, daquela que só se sabe quando se pergunta, quando se visita um ancião, quando se participa de um ritual, e essa história está presente nas sedes dos maracatus nação, nas comunidades quilombolas e indígenas, na casa dos fazedores da cultura popular de tradição e em muitos outros lugares fora dos muros e dos livros da academia.

Tabela 02: Ocorrência das fontes de pesquisa

OCORRÊNCIA DAS FONTES PESQUISA			
Bibliografia	Entrevistas	Jornais e documentos de acervo	Fotos, vídeos e outros recursos audiovisuais
13	11	5	6

Fonte: A autora, 2024.

As fontes bibliográficas são elementos cruciais para as pesquisas e podemos perceber o uso latente de jornais, para além dos livros. Pelo menos três produções apontam o uso de material de imprensa como fontes. Em relação à bibliografia tradicional, pode-se perceber alguns autores que se tornaram indispensáveis para a pesquisa acadêmica no que se refere ao maracatu nação, como é o caso de César Guerra-Peixe e Katarina Real, citados nominalmente em oito das produções e Isabel Guillen em, pelo menos, sete. Ivaldo Marciano de França Lima é citado em, no mínimo, dez das produções, seguido por Clarisse Kubrusly que é citada em cinco trabalhos.

Alguns teóricos também são citados com certa relevância, como Stuart Hall, referência no trabalho com identidade cultural e nos Estudos Culturais, citado nominalmente em pelo menos dez trabalhos. Assim como Marcel Mauss, citado em pelo menos cinco dos textos, com referência aos estudos em antropologia social e cultural. Kabengele Munanga é citado em pelo menos seis trabalhos, como referência na discussão sobre racismo e formação da identidade negra.

Gostaria de ressaltar alguns autores e autoras menos citados, mas que vem crescendo no campo acadêmico com suas pesquisas e ganham espaço enquanto referência e relevância para as pesquisadoras/es, como é o caso de Paola Verri de

Santana na área da Geografia, Anna Beatriz Zanine Koslinski na Antropologia, Marina de Mello e Souza na História e Muniz Sodré na Sociologia. O material com a lista de referências e ocorrências de repetição estará disponível como anexo do artigo.

3.3. ÉTICA

Refletir sobre ética na pesquisa histórica e, em especial, no estudo sobre o maracatu nação me leva de volta para a casa do meu avô, para dias em que pude assisti-lo ser sabatinado por pesquisadores que buscavam nele uma fonte incansável e infinita de informação, e de um pouco de magia. Nessas memórias, lembro do quanto ele omitia em relação à nossa religiosidade e sobre como sempre usava o “o maracatu é mais religião do que carnaval” para explicar a importância dos ritos sagrados e das calungas para a Nação. Curiosa, esperava o fim das entrevistas para ouvi-lo dizer que, na maioria das vezes, os pesquisadores não entendem o que dizemos porque não vivem como nós vivemos. Não podem entender nossas tradições olhando “de fora”, que precisava “estar dentro” para entender o que sentíamos, e isso não podia ser explicado numa entrevista. Nesse mesmo contexto, também havia o problema de que contar a história era um caminho, muitas vezes, só de ida. Aqueles pesquisadores quase nunca retornavam à Nação depois de obter seus títulos e levar o maracatu para a academia.

Com base e referência na minha vivência enquanto discípula de meu Mestre e da minha Nação, podemos refletir acerca dos dois lados da ética para pesquisas históricas, com foco na produção de história oral. Levando em consideração que nunca há uma verdade absoluta e que as fontes orais são condicionadas pelas disputas de poder, pelas tensões sociais, pelas tensões específicas de seus meios e por todo o contexto, fazer as perguntas certas é fundamental para uma melhor compreensão do objeto. A relação entre o entrevistado e o entrevistador é um fator essencial para o bom funcionamento da produção, é possível que os entrevistados sintam-se mais abertos ao relato com entrevistadores que os conhecem e reconhecem como pessoas, pois tratá-los como “objetos de pesquisa”, “atores sociais”, “informantes”, muitas vezes rebaixará os entrevistados à condição de tema de estudo, desvalorizando-os, assim, como pessoas (Meihy, 2005).

Poucos dos trabalhos deste levantamento apresentam descrições significativas acerca dos cuidados éticos para com os envolvidos nas coletas de dados, e isso não nos ajuda a entender quais ou quantos são esses cuidados. Para os trabalhos que apresentam anexos referentes à ética, é notável a presença de termos de compromisso, autorização e permissão para a coleta de dados e entrevistas.

Dito isto, também podemos pensar sobre a devolução dos dados coletados, das entrevistas gravadas e transcritas, das fotografias e do produto da pesquisa, seja em texto impresso, cartilha ou outra ferramenta didática de apresentação. Retomo os recortes sociais das comunidades de maracatu, pensando no perfil dos integrantes e do público-alvo para uma tese e/ou dissertação e, a partir disso, surge o questionamento: devolver um texto de 100 páginas em linguagem acadêmica é uma forma acessível de publicizar os resultados das pesquisas nas comunidades de maracatu? É de muita importância que os conteúdos sejam revisados e chancelados pelos entrevistados antes da publicação e publicização dos dados, mesmo com termos de consentimento assinados. Esse processo de revisar os textos com os entrevistados é uma prática comum entre os pesquisadores? Não sabemos, mas deveria ser.

É, também, em termos éticos, que esse resultado deve ser apresentado às nações objeto de estudo quando publicizados. Os caminhos que levam à cultura popular para fazer as pesquisas são os mesmos caminhos que podem nos levar, após os títulos, para apresentar a pesquisa e as conclusões de nosso trabalho enquanto pesquisadores. Levar a academia para fora das salas da universidade, o caminho do conhecimento precisa ser duplo, se as nações tornam-se objeto de pesquisa, também devem tornar-se público-alvo para a chegada do conhecimento. E esse processo precisa funcionar de maneira acessível, de nada adianta juntar 30 batuqueiros/as entre 15 e 20 anos, que não tem acesso à universidade para falar em língua de acadêmico. Os pesquisadores, doutores e mestres precisam falar a linguagem das nações e comunidades para realizar essa troca, e isso também é um processo que só se pode aprender tornando-se pesquisador participante, estando inserido nos contextos de seu objeto.

Em termos legais, o Brasil possui o Sistema de Comitês de Ética e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), ambos ligados ao Conselho Nacional de Saúde. De acordo com os regulamentos, ambas as

instituições devem avaliar os projetos de pesquisa que envolvam seres humanos em todas as áreas de conhecimento, assim, precisam ser compostas de profissionais de áreas distintas. Contudo, não há historiadores no corpo de membros e assim, há um caminho turvo para a análise das questões éticas das pesquisas no campo da história, e de outras ciências humanas, em instância nacional. Na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), há o Comitê de Ética em Pesquisa, subordinado ao CEP/CONEP, que institui a regulamentação das pesquisas nas diferentes áreas. A área de pesquisa em ciências humanas e sociais possui uma resolução¹⁶ responsável pelas questões éticas do uso de fontes orais.

Diante disso, podemos refletir sobre a pouca instrução e esclarecimento sobre os procedimentos éticos nos trabalhos deste levantamento serem um reflexo do próprio Sistema de Comitês de Ética, que vinculados aos sistemas de saúde, negligenciam outras ciências com questões específicas, como é o caso das ciências humanas¹⁷.

4. DE ONDE ESTAMOS PARA NOVOS AVANÇOS: UM APANHADO ATUAL E HIPÓTESES PARA O FUTURO DO MARACATU NAÇÃO NA ACADEMIA.

4.1. DAS PESQUISAS ATÉ AQUI

Desde o início do século XX, o maracatu nação é objeto de pesquisa de folcloristas, cronistas, antropólogos, maestros e desperta o interesse por muitas de suas características. Seja pela forma de dançar, seja pelo baque, seja pelo fator social, os maracatus eram descritos como folguedos que estavam a beira da extinção, sendo uma manifestação afro diaspórica, estaria fadada ao fim quando sua descendência não lembrasse mais das conexões com suas terras natal. Por bem e

¹⁶ Resolução n° 510, de 07 de abril de 2016, que resolve as questões de normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Disponível em: <http://www.cep.ufrpe.br/br/normas-e-resolu%C3%A7%C3%B5es>

¹⁷ A grade curricular do curso de Licenciatura em História na UFRPE não apresenta nenhuma disciplina específica para estudo e ensino de ética em pesquisa, além da disciplina de Metodologia do Ensino da História que pode elaborar, limitadamente, sobre a questão. Assim, o processo de entender e agir conforme a ética na pesquisa está a cargo do pesquisador/a que, em sua formação, usou e aprendeu sobre valores humanos, ou até que já os tenha através de outros aprendizados fora da universidade e de alguma regulamentação dos Comitês de Ética em Pesquisa das próprias universidades.

pela força de resistência dessas manifestações e de seus fazedores, as Nações continuam resistindo ao tempo e se adaptando para novas fases e novas lutas.

Com o aumento do número de pesquisas sobre o maracatu nação, as perguntas orientadoras de pesquisa foram se distinguindo das perguntas iniciais que deram partida no conhecimento desta manifestação pelas lentes da pesquisa. No *Inventário cultural dos maracatus nação* (2013), percebemos a presença de questões como a “tradição” e a “legitimidade” das nações, a distinção das nações dos grupos percussivos. É notável a presença de pesquisas que abordam as questões de gênero, buscando entender a presença das mulheres e os desdobramentos de suas ações dentro da manifestação. Bem como a relação territorial dos maracatus com suas sedes e comunidades, a relação dos maracatus com a cidade do Recife e outros recortes espaço-geográficos. A musicalidade do maracatu nação também é um tema frequente, desde Guerra-Peixe, os musicólogos, etnomusicólogos e outros pesquisadores se debruçam sobre os baques e as intercorrências do tempo na música e na expressão das nações.

Nesta atualização de dados, percebemos que a temática da “tradição” e “identidade” dos maracatus continua pertinente, assim como as questões de gênero, com pesquisas voltadas a estudar figuras específicas, como Dona Santa e Mestra Joana, assim como a Dama do Paço e as Calungas dentro dos cortejos. Também pode-se perceber a crescente escolha específica de Nações como objeto, como é o caso do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, do Encanto da Alegria e do Leão Coroado. Os estudos constroem diálogo com características específicas dessas Nações, dando ênfase na diferenciação e atuação destas em relação às outras. Também há a presença de questões orientadoras que traçam paralelos com o uso da pedagogia do maracatu em espaços de educação formal, ou como a pedagogia do maracatu interfere na criação das identidades de jovens negros e periféricos.

Tendo em vista todo esse apanhado, uma temática recorrente nesses trabalhos é a diferenciação dos maracatus nação dos grupos percussivos. A disputa pela legitimidade das Nações e a disputa de espaços frente aos editais de incentivo, contratações, apresentações, estão diretamente ligadas ao privilégio que alguns podem ter por meio da tecnologia, recursos, marcadores sociais e educacionais, etc. As Nações de Maracatu se diferem dos grupos percussivos em sua essência, fundadas sob tradições religiosas, ganham o título de “nação” pela ligação com uma

nação de candomblé, a exemplo do Leão Coroado de Nação Nagô, o Leão da Campina de Baque Angola, o Porto Rico de Nação Nagô, entre outros.

Além disso, as Nações se diferem na forma do compartilhamento dos saberes, e essa ação de saber-fazer concede ao coletivo uma identidade. Isso significa que as Nações criam laços comunitários e sociais, para além dos educativos, enquanto instituições atuantes em suas regiões geográficas. Não é só pela musicalidade, ou pelo tambor, é por um conjunto de práticas inerentes às vivências, ao dia a dia dos integrantes, ao ato de resistência, que cria uma ligação entre essas pessoas, fazendo com que se identifiquem sob mesma bandeira. E nesse sentido, Ivaldo Marciano elabora:

O que faz um maracatu nação ser uma nação é, antes de tudo, o compartilhamento tenso, constante e dinâmico de um sem número de modos de fazer, de sentir e de compreender que tecem liames entre as pessoas, tornando-as parte de um grupo, levando-as a se assumirem como maracatuzeiros e constituindo uma identidade na qual estão presentes valores e sentimentos religiosos peculiares, muitas vezes existentes apenas naquele terreiro, entre as pessoas daquela comunidade que fazem determinado maracatu (2014, p. 102).

E nesse contexto, a diferença entre as Nações e os grupos percussivos são apontadas como desdobramentos dessas experiências de tradição e resistência, como a fundamentação religiosa, a posse ou não de uma corte e cortejo com figuras com fundamentos religiosos e a forma de permanência e perpetuação dos territórios.

4.2. PESQUISAS PARA O FUTURO

Apesar da pesquisa sobre o maracatu nação vislumbrar muitos lugares distintos para a manifestação e nos contextos em que estão inseridas, algumas investigações podem ser realizadas a fim de explicar e evidenciar práticas importantes para os fazedores/as dos maracatus.

A exemplo disso, o Concurso de Agremiações do Recife¹⁸ merece destaque como uma temática sensível e importante, que ainda não ganhou muito espaço e repertório na universidade; o envolvimento de crianças e jovens nos processos

¹⁸ O concurso tem por objetivo valorizar as Agremiações Carnavalescas, formalmente constituídas como Entidades Civis sem fins lucrativos e voltadas às Manifestações Sociais e Culturais que lhes são próprias, sediadas ou não no Recife, que atuam nesta Capital. O edital do Concurso de 2024 está disponível em:

https://www.culturarecife.com.br/public/documentos/regulamento_concursos_2024/Regulamento%20do%20Concurso%20de%20Agremiacoes%20Carnavalescas%202024.pdf.

formativos e educativos das Nações também apresenta grande valor, tendo em vista que estes são a continuidade das manifestações; o processo formativo de novos mestres/as e titulação de contra-mestres/as como a escolha de sucessores/as nas Nações e práticas de salvaguarda e manutenção; a crescente valorização do tambor e da música em detrimento dos cortejos carece de investigação para compreender as consequências da expansão da sonoridade do maracatu com um corpo de cortejo genérico, que dissemina e difunde o maracatu sem corpos que dançam, buscando hipóteses para explicar a discrepância entre grupos que estudam a música do maracatu, mas que não reproduzem a dança, ou a religiosidade, e até as ligações e funções comunitárias; os maracatus enquanto entidades sociais que garantem direitos e dignidade para a população, muitas vezes subalternizadas pelos governos e gestões, e os significados dessas práticas na qualidade de vida dessa população; a memória e as práticas das costureiras, aderecistas, *luthiers* e outras figuras que atuam e trabalham para a manutenção e perpetuação dos maracatus enquanto manifestação; dentre outras.

A religiosidade é um aspecto indissociável do maracatu nação e, ainda, não ganhou destaque como característica central na compreensão dos maracatus nação e em como as tradições religiosas impactam o saber-fazer dos/as maracatuzeiros/as. O maracatu só é nação se tiver um vínculo religioso e de verdade (Câmara, 2017). As vivências dos maracatus com as religiões de matrizes africanas são, geralmente, restritas a seus participantes e amigos íntimos. Aqui, percebemos a existência de uma barreira para a compreensão do maracatu nação pela perspectiva da religiosidade.

Apesar disso, lembro-me de receber "forasteiros" nas cerimônias das calungas, enquanto meu avô preparava as oferendas de carnaval. Havia o estabelecimento de critérios para a participação, como a necessidade de cumprir o preceito - ou resguardo -, de limitar filmagens e fotografias nas áreas comuns do terreiro, de pedir silêncio e seriedade nas horas de imolação dos animais. Mestre Luiz de França também era flexível quanto à participação de "forasteiros" nas cerimônias religiosas. Há um documentário, gravado em 1987 e dirigido por Wagner Simões¹⁹, que exibe imagens dos locais e oferendas sagradas realizadas por Luiz. A

¹⁹ SIMÕES, Wagner. 2012. 1 vídeo (18min e 15seg) Maracatu Leão Coroado - documentário de 1987. Publicado pelo canal Gledson Lima. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M9cE_nq39M. Acesso em: 10 set. 2024.

Coroa do Leão²⁰ (2017) também exhibe trechos de obrigações religiosas realizadas por ambos os mestres da Nação.

Ao meu ver, as tradições religiosas dos maracatus nação se tornam acessíveis quando os pesquisadores se dispõem a respeitá-las. Quando os métodos de pesquisa dão suporte e segurança para que os Griôs compartilhem suas histórias e vivências nos terreiros. Para isso, a participação ativa é o caminho possível, como explica Mestre Afonso Aguiar, em entrevista para o trabalho de salvaguarda do Maracatu Leão Coroado:

O aprendizado da gente é oral. Se você não participou de nada, só por que hoje chegou aqui, tocou e aprendeu a tocar vai chegar ali embaixo e dizer: "sou mestre"? Dentro do candomblé você não tem condições de vivenciar [o aprendizado] com 30 anos de idade. Não tem. Se o aprendizado é oral, então tem que conviver, né? Viver e conviver, que é pra ver aquele dia a dia. [...] Acho que, talvez, o pessoal ainda não tenha entendido o potencial da oralidade. (apud CÂMARA, p. 57, 2017).

Elisabeth Ogle, pesquisadora PhD em etnomusicologia pela *King's College London*, defendeu a tese *Repercussions: Ethnographic Enquiries into Rhythm, Ancestrality and Spirit in Maracatu de Nação and Candomblé*²¹. A pesquisa foi fruto da vivência da pesquisadora, principalmente, no Leão Coroado e no Centro Africano São João Batista²². Tendo participado ativamente, enquanto integrante, das atividades do maracatu e do terreiro, vivenciando o dia a dia mencionado por Mestre Afonso.

A partir destes exemplos, podemos refletir sobre as possibilidades reais de entender e respeitar a pedagogia da oralidade e a religiosidade dos maracatus nação em nossas pesquisas acadêmicas. Talvez não seja tão comum, ou simples e prático, quando pensamos na quantidade de novos processos que teremos que aprender para frequentar o solo sagrado de um terreiro ou as cerimônias privadas das Nações. Mas, já sabemos que é possível, cabe às nossas pesquisas e metodologias traçar um caminho de confiança entre a pesquisa acadêmica e nossos objetos de estudo, que muitas vezes são a vida inteira de um grupo de pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁰ A COROA do Leão. Direção e fotografia: Mateus Sá e Diego Di Niglio. Brasil, 2017. 1 DVD (39 min. aprox.)

²¹ Repercussões: investigação etnográfica sobre ritmo, ancestralidade e espírito no Maracatu Nação e no Candomblé. Tradução da autora.

²² Terreiro de candomblé fundado por Afonso Gomes de Aguiar, pai de Mestre Afonso, que atualmente é cuidado pela linhagem sanguínea de ambos. O Maracatu Leão Coroado está vinculado ao Centro desde 1997, quando Mestre Luiz de França transferiu a sede e a presidência para Afonsinho.

Podemos considerar o maracatu nação como um objeto de pesquisa em consolidação nas pesquisas em áreas de ciências humanas e sociais. O levantamento apontou 15 trabalhos realizados de 2013 a 2023 que abordam temáticas referentes aos maracatus do Recife e consolidou os dados para atualização dos dados no *Inventário cultural dos maracatus nação* publicado por Isabel Guillen em 2013.

Os dados apontam que as mulheres continuam escrevendo mais acerca dos maracatus-nação e que a questão de gênero é pertinente, pelo menos, nos últimos 15 anos. A música e as tradições dos maracatus também foram destacados, assim como a relação geográfica das nações com suas comunidades. O nordeste é a região com mais produções nos últimos dez anos, e continua sendo criadouro de pesquisas de muita relevância.

Dentre as temáticas abordadas, é possível notar lacunas nas pesquisas sobre maracatu nação, como o Concurso de Agremiações do Recife, para analisar o papel e função do Concurso nas práticas maracatuzeiras; o envolvimento de crianças e jovens nos processos formativos e educativos dos maracatus e os desdobramentos dessa participação; a crescente valorização do tambor e da música em detrimento dos cortejos carece de investigação para compreender as consequências da expansão da sonoridade do maracatu com um corpo de cortejo genérico; e tantas outras que podem ser elaboradas visando a manutenção, resistência e perpetuação das manifestações.

É de grande importância pensar a relação dos pesquisadores/as com as comunidades e os maracatus nação, visando uma experiência multifacetada para o desenvolvimento das pesquisas. O motivo dessa inserção pode ser descrito pela forma que as nações desenvolvem seus trabalhos, fortalecem seus laços e perpetuam suas tradições. Visualizar “de fora” não é suficiente, ou ideal, para resultar em pesquisas que compreendam os sentidos de se fazer e viver maracatu nação.

Assim como podemos vislumbrar temáticas pertinentes, devemos refletir sobre ferramentas e metodologias mais assertivas e ajustadas às nossas pesquisas, que possam estabelecer a ética para com as pessoas detentoras do saber. Principalmente com as fontes orais, manter o código de ética, ou até estabelecer critérios adicionais, métodos de revisão, checagem e outros, possibilitaria o sucesso

nas coletas de dados, entrevistas, gravações, etc. Olhar para o objeto e para as fontes como um todo, enquanto manifestações vivas e latentes, como indivíduos ativos e participantes, para criar um contexto de observação verossímil ao real, e não só recortado no espaço-tempo histórico.

Podemos vislumbrar que a universidade e as políticas afirmativas sejam eficientes, que as culturas populares sejam respeitadas em sua totalidade e em seus ritos, que os griôs tenham seus saberes reconhecidos em suas comunidades e na academia, que os jovens maracatuzeiros/as possam ingressar na universidade e unir suas experiências culturais com o conhecimento técnico e acadêmico para fortalecer e qualificar ainda mais seus aprendizados. Avistar pesquisadores capazes em ética e ferramentas para compreender o maracatu nação e, coletivamente, manter a salvaguarda, o acervo e a continuidade de suas tradições e saberes.

6. REFERÊNCIAS

6.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, Isabelle; AGUIAR, Afonso; NIGLIO, Diego Di (Org.). **Maracatu Leão Coroado: Tradição, cultura e religião**. Recife: Instituto de Cooperação Econômica Internacional, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**: Revista de Ciências da Educação, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 de jun. 2023.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org.). **Inventário cultural dos maracatus nação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7-14.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)**. Orientadora: Profa. Dra. Martha Abreu. 2010. 420 f. Tese de doutorado - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1250.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; CASTRO, Isabel. **Da história oral ao filme de pesquisa**: o audiovisual como ferramenta do historiador. História, Ciências, Saúde –

Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.4, out.-dez. 2017, p.1147-1160. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/FHTfNqZ83NSszGcMsPQFZpP/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A história oral e o politicamente correto. In: _____. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 5.ed, 2005. p. 38- 41. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4165449&forceview=1>. Acesso em 23 ago. 2024.

PEREIRA, L. R.; CARDOSO, J. H. Comitês de Ética: regulamentando a História Oral? **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 68–82, 2000. DOI: 10.36449/rth.v17i2.9879. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/9879>. Acesso em: 23 ago. 2024.

OLIVEIRA SANTOS, Climério de Oliveira; Resende, Tarcísio Soares. **Maracatu**: baque virado e baque solto. 2.ed. Recife: Edição do autor, 2009. Coleção Batuque Book.

OLIVEIRA SANTOS, Climério de Oliveira. Práticas sonoras: o "baque forte" do Leão Coroado. In: CÂMARA, Isabelle; AGUIAR, Afonso; NIGLIO, Diego Di (Org.). **Maracatu Leão Coroado: Tradição, cultura e religião**. Recife: Instituto de Cooperação Econômica Internacional, 2017.

SILVA, José Fernando Souza e. Leão Coroado: maracatu nação, de baque virado, maracatu de folguedo, de música, de dança. In: CÂMARA, Isabelle; AGUIAR, Afonso; NIGLIO, Diego Di (Org.). **Maracatu Leão Coroado: tradição, cultura e religião**. Recife: Instituto de Cooperação Econômica Internacional, 2017.

6.2. REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

6.3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO (FONTES DA PESQUISA)

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. **“É de Nação Nagô!”: O maracatu como patrimônio imaterial nacional**. Orientadora: Ilka Boaventura Leite. 2015. 168 f.

Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135133>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BERNARDES, Júlia de Araújo. **Expressões culturais e experiências sociais urbanas no Recife: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher**. Orientador: Hugo Menezes Neto. 2020. 137 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40413>. Acesso em 23 ago. 2024.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 5º ed., 1997.

CONRADO, Margarete de Souza. **Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu**. Orientador: Álamo Pimentel. 2013. 273 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13950>. Acesso em: 23 ago. 2024.

FERREIRA, Mariana Alcântara. **A construção da identidade cultural: Dona Santa rainha do maracatu**. Orientador: Amailton Magno Azevedo. 2018. 170 f. Dissertação (mestrado) - História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21133>. Acesso em: 23 ago. 2024.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990**. Orientadora: Isabel Cristina Martins Guillen. 2016. 143 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26603>. Acesso em: 24 ago. 2024.

GARCEZ, Laís Salgueiro. **Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: os "trabalhos" de uma "nação diferente"**. Orientador: Julio Cesar de Souza Tavares. 2013. 158 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://www.cotas.org.br/files/downloads/12/As%20Corporeidades%20do%20Maracatu%20do%20Baque-virado.pdf>. Acesso em 24 ago. 2024.

GODOY, Thaís Elis. **Maracatu de baque virado: construção de laços Recife - São Paulo**. Orientadora: Luciene Cristina Riso. 2023. 162 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/a30a4a7f-3918-4c7b-85f5-b712a9838b92>. Acesso em: 23 ago. 2024.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. **Afro-Ásia**, nº 49, p. 71-104, jan. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21316/13895>. Acesso em: 24 ago. 2024.

RAMALHO, Anderson Pereira. **Loas, tambores e gonguês: a interculturalidade do maracatu de baque virado pernambucano, na perspectiva de uma educação para a igualdade racial.** Orientadora: Denise M. Botelho. 2016. 135 f. Dissertação (mestrado) - Educação, Culturas e Identidades, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7616>. Acesso em 23 ago. 2024.

SILVA, Charles Raimundo. **O Mestre apitou: mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas.** Orientadora: Vânia Z. Cardoso. 2018. 256 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6637722. Acesso em 23 ago. 2024.

SILVA, Victor Alisson Andrade da. **Da Irmandade do Rosário aos terreiros e carnavais: a construção da identidade das nações de maracatu do Recife - O Maracatu Nação Encanto da Alegria.** Orientador: Bertrand Roger Guillaume Cozic. 2021. 147 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10953317. Acesso em: 23 ago. 2024.

SOUZA, Luciano Borges de. **Guardião do Maracatu Leão Coroado e a Lei do Patrimônio Vivo: um estudo antropológico sobre uma política cultural em Pernambuco.** Orientador: Carlos Sandroni. 2018. 164 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33260>. Acesso em 23 ago. 2024.

TAVARES, Maria Cristina. **Os jovens e o Maracatu Nação Almirante do Forte: interfaces entre processos educativos culturais e produção de identidades.** Orientador: Moises de Melo Santana. 2021. 133 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2021. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/9038>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ANEXO 01: Tabela de ocorrência de autores referenciados

AUTORES	OCORRÊNCIAS	AUTORES	OCORRÊNCIAS
LIMA, Ivaldo M. F.	10	ACSELRAD, Maria.	2
HALL, Stuart	9	ALBERTI, Verena	2
GUERRA-PEIXE, César	8	ALENCAR, Alexandra E. V.	2
REAL, Katarina	8	AMORIM, Maria Alice	2
GUILLEN, Isabel C. M.	7	BAUMAN, Zygmunt	2
MUNANGA, Kabengele	6	BOSI, Ecléa	2
BASTIDE, Roger	5	BRANDÃO, Carlos Rodrigues	2
GEERTZ, Clifford	5	CAPELATO, Maria Helena	2
KOLINSKI, Anna B. Z.	5	CAPONE, Stefania	2
KUBRUSLY, Clarisse Q.	5	CARNEIRO, Sueli	2
MAUSS, Marcel	5	CARVALHO, José J.	2
PRANDI, Reginaldo	5	CASCUDO, Luís C.	2
SILVA, Leonardo D	5	CASTRO, Josué	2
SOUZA, Marina de Mello e.	5	CHARTIER, Roger	2
BARBOSA, Virgínia	4	CLAVAL, Paul	2
BHABHA, Homi	4	CLIFFORD, James	2
CARVALHO, Ernesto I.	4	FREYRE, Gilberto	2
CERTEAU, Michel de	4	DA MATTA, Roberto	2
CUNHA, Manuela C.	4	DANTAS, Beatriz G.	2
FERREIRA, Cleison L.	4	ELIAS, Norbert	2
FREIRE, Paulo	4	FANON, Frantz	2
GILROY, Paul	4	GOFFMAN, Erving	2
GOMES, Nilma L.	4	GONZALEZ, Lélia	2
MOTTA, Roberto	4	GREINER, Christine	2
SANDRONI, Carlos	4	HAESBAERT, Rogério	2
SANTOS, Milton	4	HALBWASCHS, Maurice	2
ANDRADE, Mário de	3	HANNER, Ulf	2
ARAÚJO, Rita. C. B.	3	IPHAN	2
BARBOSA, Maria Cristina	3	LABAN, Rudolf	2
BENJAMIN, Roberto	3	LARA, Larissa M.	2
BOURDIEU, Pierre	3	LATOR, Bruno	2
BURKE, Peter	3	LÉVI-STRAUSS, Claude	2
CARNEIRO, Edison	3	LODY, Raul	2
ELIADE, Mircea	3	MARTINS, Leda	2
FOUCAULT, Michel	3	MBEMBE, Achille	2
GONÇALVES, José R.	3	MENEZES, Lia	2
OLIVEIRA, Jailma M.	3	MORIN, Edgar	2

SANTANA, Paola V.	3	NASCIMENTO, Abdias do	2
SANTOS, Boaventura S.	3	PEIRANO, Mariza	2
SIMMEL, Georg	3	PORTELLI, Alessandro	2
SODRÉ, Muniz	3	RAFFESTIN, Claude	2
		RIBEIRO, René	2
		RISSO, Luciene C.	2
		RODRIGUES, Raimundo N.	2
		ROLNIK, Raquel	2
		ROSENDAHL, Zeny	2
		SANSONE, Lívio	2
		SANTOS, Climério O	2
		SANTOS, Mário R	2
		SILVA, Ana Célia	2
		SILVA, Vagner G.	2
		TELES, José	2
		TINHORÃO, José R	2
		TUAN, Yi-Fu	2
		TURNER, Victor W	2
		WAGNER, Roy	2